

Por uma pedagogia da paz

Casemiro de Medeiros Campos*

Os acontecimentos do último dia 11 de setembro demarcam um novo momento na reestrutura de uma nova ordem internacional. A circunstância da ação terrorista contra os símbolos do poder econômico e bélico-militar dos Estados Unidos reflete claramente uma atitude violenta de contestação contra o modelo de globalização neoliberal capitaneado pelo atual governo americano.

Apesar de uma atitude estúpida, cruel e selvagem contra vidas civis de cidadãos americanos, a cidade de Nova York representa, pelo seu conteúdo cosmopolita, a própria sociedade global. A forma como a sociedade mundial está organizada, sob o feitiço da globalização neoliberal, mostra-nos como a opção das grandes potências - o grupo dos sete ou oito países mais ricos do mundo - por um projeto civilizatório excludente tem consequências perversas para toda a humanidade.

A terrível dor que se abate sobre o orgulho do povo americano é largamente o reflexo do esgotamento deste projeto civilizatório, há muito denunciado, de destruição da própria humanidade social. As terríveis formulações dos modelos de políticas excludentes, que se reproduzem sob a lógica do capitalismo neoliberal, devastando os valores de afirmação do ser humano, leva-nos a profundos questionamentos sobre a validade deste caminho para toda humanidade.

Esse modelo do capitalismo atual tem se mostrado perverso, trazendo profundas diferenças, acentuando a relação entre ricos e pobres, promovendo o aumento da fome e da miséria no mundo e a destruição do meio ambiente.

Nessa perspectiva, estamos caminhando a passos largos, por um lado, para a degradação da humanidade e, por outro, não se limitando à escassez dos recursos naturais da Terra, e numa leitura mais radical, levando a impossibilidade da vida no planeta e a sua completa exaustão. Se pretendemos um futuro diferente, são necessárias propostas alternativas, frente a escuridão que nos colocamos. Insistir neste modelo é levar a humanidade a seu fracasso.

Qual é o caminho que desejamos para nós e para as futuras gerações? É urgente construirmos, como estratégia de vida, um projeto de inclusão que tenha como horizonte de realização a emancipação humana. Assim, cabe neste momento, compreendermos a possibilidade de construirmos uma nova utopia, que tenha como valor a humanidade e a vida do planeta Terra. Nesta perspectiva o resgate de princípios éticos - a solidariedade, a fraternidade, a paz... estão na ordem do dia para a conquista da felicidade.

* Casemiro de Medeiros Campos, é professor e coordenador do Curso de Pedagogia da Universidade de Fortaleza (Unifor)

O paradigma civilizatório precisa ser urgentemente modificado. As respostas às questões atuais reclamam por uma maior cooperação dos mais diferentes povos e culturas. Daí a necessidade de estabelecermos consensos mínimos para que possamos propor alternativas verdadeiras e que gerem conseqüências imediatas para a vida das pessoas. Esta agenda consensual deve se pautar em torno da erradicação da pobreza, da miséria e da fome no mundo. Sabemos que não é um caminho fácil: vai requerer a emergência de uma cidadania planetária e o respeito à autonomia dos povos para construirmos no mundo a justiça social.

Aprender a convivência solidária, implica reorientar os nossos velhos modelos de educação para a competitividade. Logo a educação passará a ter um significado tão profundo quanto a própria vida. Desse modo, a complexidade do ato de educar para paz vai requerer completa revisão nos sistemas de ensino, na escola, nos currículos, na formação dos professores e na organização do trabalho escolar, tendo como fundamento o respeito à natureza, à democracia e à não-violência.

Como dizia o mestre Paulo Freire: "O futuro é possibilidade", porque o homem é o ser da possibilidade, ou seja, como ser da historicidade aberta para o infinito, cria utopias, transforma as relações sociais, a vida, a educação... pode reinventar, fazer projetos, viver.